

## MENSAGEM PARA O GENERAL

*Osorio lê o livro sobre a arte da guerra enquanto recebe o tenente que traz a novidade: o inimigo está muito próximo*

O tenente Delphino respondeu à senha e saiu do mato tão recoberto pela lama que mal dava para ver as dragonas de oficial, completamente embarradas. E logo foi dizendo ao militar uruguaio: “Me arrume um cavalo, que tenho mensagem para o general”.

Com sua farda cinza, divisas em verde cobrindo todo o antebraço, o sargento Ortuño, do batalhão Libertad, que cobria a linha avançada do Exército Oriental, ficou desconfiado. Só não disparou seu fuzil naquele vulto que emergia na madrugada de 24 de maio porque o sotaque brasileiro da fala atropelada em castelhano não deixava dúvidas de que era um aliado.

Logo pareceu o general Henrique Castro:

— Que passa? Quem é este homem?

— Sou o tenente Delphino Rodrigues Souto, do Vinte e Seis de São Gabriel – esquecendo-se que o número de seu Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional tinha mudado. — Estou voltando de uma patrulha junto às linhas inimigas. Preciso ir ao general Osorio.

— Entendo. Pode me dizer o que viu, tenente?

— Desculpe-me general. Só posso falar a meu comandante.

— Pois então se apresse, aqui está seu cavalo — e apeou-se, entregando-lhe seu tordilho negro.

— Lhe devolvo o cavalo, general — montando, percebendo que o uruguaio teria alguma idéia de sua missão.

— Assim que possa tenente. E se puder.

Delphino não forçou o galope. O cavalo era bom, mas tinha uns três quilômetros até a barraca do comandante, subindo uma ladeirinha fraca, mas o suficiente para bombear mesmo um animal

que nem aquele. No trote largo via os acampamentos das unidades, os sarilhos das armas, os canhões camuflados. Embora a maior parte dormisse, se poderia dizer que estavam em prontidão.

— Buenas: saudações caçapavanas.

— E aí, Delphino. Não te perdeste? — gracejou o capitão Manuel Luiz, seu conterrâneo, sobrinho e ajudante de ordens do general — apeia que vou avisar o homem que voltaste. Ele está dando uma cochilada...

— Mas quê...

Mal entrou, Manuel Luiz veio de volta, mandando entrar. No fundo da barraca, um homem corpulento, dorso nu, lavava o rosto. Olhou de lado e comentou, se rindo:

— Ué, guri, caíste no barro?

— Pois é, general. Tive que botar o pé no barro para não me verem.

— E tu, que viste?

— Estão vindo, general. Pelo alarido, são milhares. Não pude ver muito porque se ficasse mais um pouco me pegavam e eu não estaria aqui para lhe dar a notícia.

— Está bem. O que eu precisava saber, agora já sei. Fizeste muito bem. Pode ir. Vai até a boca do Potreiro Pires e avisa ao general Netto. Diga-lhe que não precisa vir. O coitado está muito mal. Mas não teve jeito de se recolher ao hospital. Dê-lhe o recado e se apresente ao seu comandante. Diga ao coronel Sezefredo que lhe mando um abraço e que fique de olho aberto. É só isso. Não comente nada do que viu, nem mesmo com ele.

— Sim senhor. Mas estou sem meu cavalo. Peguei este aqui emprestado com o general Castro.

— Pois fique com ele. O general há de ter outro.

— Sim senhor.

— Manuel Luiz — atalhou o general — me chame os outros.

— Sim senhor. Acho que nem vai ser preciso. Don Venâncio já está apeando.

Delphino ainda estava saindo da barraca quando adentrou o presidente da República Oriental do Uruguai, general Venâncio Flores, enrolado num pala de lã e um chapéu de aba larga. A sua figura enorme encheu a entrada.

— Temos um mate, Osorio? — e olhando para Delphino — bom dia. Tu és o batedor?

— Sim senhor, general. Com licença.

Montou o tordilho negro e sumiu na escuridão.

Às 4h45min o pequeno grupo de seis homens dissolvia sua reunião.



*Delphino Rodrigues Souto: seus descendentes ouvem o narrador da saga que empolgou o país em sucessivas guerras, quando lutou sob as ordens do General Osorio*

A última palavra foi do general Osorio.

— Meus companheiros, voltem para suas unidades e botem a tropa em prontidão. Vamos fazer um exercício para mantê-los juntos e prontos para formarem rapidamente. Mas não deixem transparecer nada. Não podemos evitar que nos surpreendam. Tenho certeza que ao menor sinal de que os estamos esperando, vão dar para trás. Temos que tirá-los do mato e acabar com eles. Não há outra saída. Eles não se rendem. Então, vamos destruí-los e acabar hoje com esta guerra absurda.

Respirou.

— Daqui a pouco toca a alvorada. Mande dar rancho farto porque não será agradável morrer de barriga vazia. Boa sorte a todos nós.

— Tu achas que eles vão cair nesta isca? – perguntou, saindo, um outro grandalhão, o tenente-coronel Emílio Mallet, o único que não era general naquele grupo.

— Estou aplicando aquele livrinho do padre francês que tu me deste, lembra?

— Que padre?

— Aquele das artimanhas do general chinês...

— Ah!